

Comunicação, Cultura e Resistência: da folkcomunicação aos estudos culturais, aproximações e diálogos entre Luiz Beltrão e Stuart Hall

Communication, Culture and Resistance : the folk communication to cultural studies , approaches and dialogues between Luiz Beltrao and Stuart Hall

Karina Janz Woitowicz (Brasil).¹

Universidade Estadual de Ponta Grossa

karinajw@gmail.com

Resumo

A partir da contribuição teórica de Luiz Beltrão para o estudo das manifestações culturais e dos fenômenos de comunicação, o presente artigo busca traçar algumas aproximações entre o pensamento beltraniano e as reflexões sobre as dinâmicas culturais e midiáticas desenvolvidas no campo teórico dos estudos culturais, enfatizando uma perspectiva de diálogo com as ideias de Stuart Hall. A contribuição deste debate consiste no reconhecimento do caráter pioneiro das pesquisas de Beltrão e da sintonia do autor com outros cenários teóricos, que valorizam abordagens críticas da cultura e dos usos e apropriações dos meios de comunicação, bem como as possibilidades de resistência dos grupos sociais.

Palavras-chave: Folkcomunicação; estudos culturais; cultura; identidade.

Abstract

From the theoretical contribution of Luiz Beltrão for the study of cultural manifestations and phenomena of communication, this article explains some similarities between the beltraniano thoughts and reflections on cultural and media dynamics developed in the theoretical field of cultural studies, emphasizing the prospect of dialogue with the ideas of Stuart Hall. The contribution of this debate is the recognition of the pioneering character of the research of Beltrão and tuning of the author with other theoretical scenarios, that value critical approaches about the culture and uses and appropriations of media as well as the possibilities of resistance of social groups.

Keywords: Folkcommunication; cultural studies; culture; identity.

Considerações Iniciais

Folkcomunicação e estudos culturais. Teorias surgidas em realidades e contextos absolutamente distintos, motivadas por interesses diferentes, mas que guardam alguma proximidade no que diz respeito à noção de cultura e ao modo como os indivíduos e

grupos sociais elaboram e processam as mensagens dos meios de comunicação, estabelecendo relações de identificação.

É a partir do reconhecimento das ideias de Luiz Beltrão, em sua teoria da Folkcomunicação, que se pretende, nas páginas que seguem, estabelecer um diálogo com alguns pressupostos da abordagem teórica dos estudos culturais, de modo a observar relações e particularidades entre as referidas teorias.

Assim, o presente artigo recupera algumas noções básicas das duas correntes teóricas mencionadas, enfocando três aspectos principais que permitem estabelecer aproximações e confrontos entre Luiz Beltrão e Stuart Hall: o conceito de cultura, as noções de marginalidade e subalternidade e a compreensão sobre as dinâmicas do processo de produção/recepção ou codificação/decodificação de mensagens.

Com este percurso dialógico, busca-se valorizar a contribuição de Luiz Beltrão para os estudos de comunicação e lançar outros olhares, capazes de ampliar as leituras da folkcomunicação, estabelecendo relações que conferem atualidade e pertinência ao legado beltraniano e renovam suas perspectivas teóricas.

Luiz Beltrão e os meios informais de comunicação

Pernambucano, nascido em Olinda em 8 de agosto de 1918, Luiz Beltrão é reconhecido como pioneiro da pesquisa científica na área da Comunicação no Brasil, sendo criador da Folkcomunicação, uma teoria da comunicação legitimamente brasileira. Foi fundador do Instituto de Ciências da Comunicação (ICINFORM) e da revista *Comunicações & Problemas*, primeira revista de Ciências da Comunicação. Foi o primeiro doutor em Comunicação no Brasil, defendendo sua tese “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias” na Universidade de Brasília, em 1967.² Faleceu em Brasília, em 1986, deixando um vasto material de pesquisas, livros, textos sobre folkcomunicação, comunicação de massa, cultura popular, jornalismo e pesquisa em comunicação.

Em *Mídia e cultura popular*, José Marques de Melo (2008) apresenta as várias faces de Beltrão: jornalista, educador, pesquisador e escritor. O autor observa que, quando trabalhou no Diário de Pernambuco, em 1936, Beltrão já começou a pautar os temas da cultura popular, interesse este que marcou sua trajetória no campo teórico.

Beltrão compreende as expressões folkcomunicacionais como meios informais de comunicação, utilizados por grupos considerados marginalizados, uma vez que se contrapõem aos valores hegemônicos, seja em termos sociais ou culturais. Além disso, a folkcomunicação também se ocupa dos intercâmbios entre a cultura de massa e a cultura popular, em um processo dialético de aceitação, negação e reinterpretação das mensagens pelos grupos sociais.

Para Beltrão, a cultura popular é definida por expressões que nascem do povo e que se incorporam ao seu cotidiano: arte (dança, pintura, vestuário, artesanato, música,

etc), hábitos, crenças, valores e saberes populares que transmitem informação e opinião. Em seus estudos, valoriza-se a capacidade de expressar os modos de viver e pensar do povo, como se pode observar nos registros do autor no livro *Comunicação e Folclore* (1971) sobre a informação oral (cantadores, caixeiro-viajante, chofer de caminhão), a informação escrita (folhetos, almanaques, livros de sorte, literatura de cordel) e outros veículos de folkcomunicação, como a religiosidade popular, as festas e danças populares (carnaval, mamulengo, bumba-meu-boi, queima do Judas, entre outras).

As manifestações da cultura popular constituem meios de comunicação que não apenas expressam uma determinada ideia, mas representam também uma forma de ação ou contestação dos grupos marginalizados. Segundo Beltrão (1971), o folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas e a folkcomunicação se baseia na utilização de mecanismos artesanais para expressar mensagens em linguagem popular.

É a partir da observação dos meios informais de comunicação utilizados pelos grupos subalternos que Beltrão reconhece os “catimbozeiros” como agentes de comunicação popular. Para o autor, os “catimbós” são “meios através dos quais as camadas menos cultas e economicamente mais frágeis da sociedade urbana e rural se informam e cristalizam a sua opinião para uma ação” (2001, p. 74).

Com base nestes aspectos de valorização da cultura popular e compreensão de formas de comunicação que se situam às margens da indústria cultural é que se pode compreender a representatividade do pensamento de Beltrão para o estudo dos processos comunicacionais. Assim, negando uma visão determinista a respeito da influência da mídia nos indivíduos, que embasava os paradigmas teóricos vigentes no Brasil no contexto dos anos 1960/70, a teoria da folkcomunicação permitiu lançar outras perspectivas, em que a capacidade de resistência dos grupos sociais e suas formas particulares de comunicar, que contrastavam com os valores hegemônicos, se inseriam nas complexas dinâmicas do processo de comunicação.

Marques de Melo (2008) revela as contribuições do legado beltraniano, destacando o pioneirismo e a pertinência da folkcomunicação e reconhecendo também as mudanças e inovações ocorridas nos estudos nos últimos anos.

Depois de quatro décadas de acumulação de conhecimentos, torna-se indispensável revisar criticamente as transformações operadas na disciplina, na tentativa de discernir quais os elementos que permanecem imutáveis no período, quais as mutações evidentes e quais as tendências renunciadas pelas novas gerações que deram seqüência às idéias originais de Luiz Beltrão. (2008, p. 53-54)

Ao associar as reflexões de Beltrão à perspectiva dos estudos culturais, pode-se apontar para este processo de reconhecimento e revisão da teoria da folkcomunicação, destacando aproximações com conceitos como resistência e identidade, que são

desenvolvidos por Stuart Hall e guardam interessantes relações com a cultura dos grupos marginalizados investigada por Beltrão.

Stuart Hall e a construção de identidades

Jamaicano nascido em 3 de fevereiro de 1932, Stuart Hall é um teórico com reconhecida contribuição no estudo da cultura e dos meios de comunicação. Nos anos 1950, fundou a revista *New Left Review*, juntamente com Edward Thompson e Raymond Williams, com forte viés político. Tornou-se o principal personagem da Universidade de Birmingham, no Center for Cultural Studies, que dirigiu em 1968. Também escreveu diversos artigos para a revista *Marxismo Hoje*, do Partido Comunista da Inglaterra, em que refletia sobre o conservadorismo político e as idéias de esquerda. Em 1979, atuou como professor de sociologia na Open University, quando publicou uma série de livros que tiveram grande repercussão.³ Vive na Inglaterra, onde é conhecido como um intelectual engajado nos debates sobre globalização e movimentos anti-racistas.

Hall tem sua trajetória acadêmica vinculada ao Center for Cultural Studies, onde produziu, com outros intelectuais, estudos críticos sobre cultura, política e comunicação identificados com a perspectiva teórica dos estudos culturais. Nascidos entre os anos 1960/1970, na Universidade de Birmingham (Inglaterra), os estudos culturais se apresentam como um campo interdisciplinar de estudos e análises que possuem como característica fundadora o engajamento político, que se revela na escolha de objetos e nas reflexões teóricas.⁴

A problemática da construção de significados e identidades através da cultura é amplamente abordada nas referências conceituais de Stuart Hall, que, partindo da natureza hibridizada de toda identidade, observa a contestação da hegemonia cultural na sociedade contemporânea. Os temas tratados por Hall dizem respeito aos conflitos e mudanças que marcam a pós-modernidade, às contradições do fenômeno da globalização, aos deslocamentos e diásporas e, principalmente, ao processo de construção de identidades. A este respeito, no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall (1999) aborda as transformações na configuração das identidades, que se tornaram menos fixas e homogêneas.⁵ Assim, os referenciais que tradicionalmente serviam como elementos de identificação dos indivíduos (tais como classe, raça, gênero e, principalmente, nacionalidade), passam a ser experimentados em meio à fluidez das lógicas de pertencimento.

Segundo Hall, os sujeitos não produzem uma identidade, fixa e permanente, mas uma identidade que é “transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (1999, p. 13). Neste sentido, para o autor,

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das

quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (1999, p. 14)

No artigo *Quem precisa da identidade?*, Stuart Hall (2000) relaciona o conceito de identidade ao de identificação: “a identidade é construída na diferença ou por meio dela” (p. 111). Por isso, a identidade é um tema de importância política: a identificação, quando se torna politizada, implica na mudança de uma política de identidade⁶ para uma “política de diferença”.

Neste sentido, uma das contribuições dos estudos de Stuart Hall situa-se na compreensão sobre o modo como se consolidam e se reconfiguram as identidades, em tempos de fragmentação dos sujeitos. Para o autor, as mudanças culturais do nosso tempo produzem “uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e torna as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (1998, p. 87)

A partir do percurso pelas ideias de Hall, torna-se possível reconhecer a contribuição do autor para a compreensão das dinâmicas culturais que estão em jogo nas interações proporcionadas pela mídia. Para o autor, “juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a ‘proliferação subalterna da diferença’” (2003, p. 60).

É com base nesta concepção de identidades, e em uma perspectiva de cultura que compreende a experiência vivida dos grupos sociais, que se pode refletir sobre a noção de hegemonia e sobre as diferentes maneiras através das quais os indivíduos e grupos sociais elaboram a sua cultura, se apropriando dos referenciais midiáticos e, ao mesmo tempo, produzindo resistências.

Neste sentido, propomos uma aproximação das ideias de Stuart Hall e Luiz Beltrão, de modo a reconhecer a cultura própria dos grupos subalternos e os diferentes modos em que se processam os fenômenos de comunicação.

Diálogos entre Folkcomunicação e Estudos Culturais

Uma primeira aproximação possível entre a perspectiva da folkcomunicação e dos estudos culturais diz respeito à concepção de cultura presente nas referidas abordagens. Opondo-se a tendências elitistas de concepção da cultura, tanto Luiz Beltrão quanto Stuart Hall compreendem a cultura a partir das experiências dos indivíduos e grupos sociais; a cultura é pensada como campo de luta em torno do significado, em que são consideradas as expressões culturais próprias de determinado grupo social.

A noção de cultura desenvolvida por Beltrão tem como referência o folclore e as manifestações populares, que são vistas como algo dinâmico. A cultura popular é, portanto, um campo que traduz o conhecimento das classes subalternas, incorporando as dinâmicas da vida social.⁷ Com base neste aspecto, a folkcomunicação valoriza os

diferentes modos através dos quais os grupos sociais se relacionam e produzem a cultura, em meio às relações entre a comunicação de massa e a comunicação popular.

Os estudos culturais, por sua vez, compreendem a cultura em seu sentido amplo – como uma esfera onde se naturalizam e se representam as desigualdades de classe, gênero, raça, entre outras –, reconhecendo as múltiplas possibilidades de resistência. Conforme observam Mattelart e Neveu,

Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes subalternas, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como um modo de adesão às relações de poder. (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 14)

Sobre a extensão do significado de cultura, que nos estudos culturais se transfere de textos e representações para práticas vividas, Ana Carolina Escosteguy (2006, p. 143) destaca o deslocamento do sentido de cultura de sua tradição elitista para as práticas cotidianas.⁸ A autora refere-se ao intercâmbio de referenciais como um elemento que marca as dinâmicas da cultura:

[...] não existe um confronto bipolar e rígido entre as diferentes culturas. Na prática, o que acontece é um sutil jogo de intercâmbios entre elas. Elas não são vistas como exteriores entre si, mas comportando cruzamentos, transações, intersecções. Em determinados momentos, a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica; em outras, reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas. (2006, p. 147)

A proximidade entre a folkcomunicação e os estudos culturais, no que diz respeito à concepção de cultura, não contempla apenas os aspectos de valorização da vida cotidiana e dos saberes populares, mas também compreende a referência aos grupos subalternos – que, nas palavras de Beltrão, são os grupos “marginalizados”.

Luiz Beltrão classifica os grupos em três categorias: grupos rurais marginalizados; grupos urbanos marginalizados e grupos culturalmente marginalizados (rurais e urbanos). Estes últimos são assim caracterizados por representarem “contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente” (2004, p. 84). Como exemplo, o autor identifica, como grupos contestatórios, os messiânicos, político-ativistas e erótico-pornográfico.

Os grupos culturalmente marginalizados são assim descritos por Beltrão:

Constituem-se de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a idéias e práticas generalizadas da comunidade. Desse modo, forçada ou voluntariamente, tais grupos se acham apartados

dos demais que, entretanto, procuram atrair às suas fileiras, utilizando no proselitismo métodos e meios acessíveis ao público rural e urbano a que se destinam suas mensagens, sejam convencionais ou de folk, que manejam com habilidade e audácia. (1980, p. 103)

Pode-se dizer que tais grupos, culturalmente marginalizados, se caracterizam como contra-hegemônicos e elaboram uma cultura de resistência, através de meios informais de comunicação. Este processo também pode ser observado no contexto dos estudos culturais, que se ocupam das culturas subalternas para entender, na perspectiva de Stuart Hall, como se processam as lutas simbólicas e as formas de resistência cultural, tendo como base o pertencimento a determinada cultura. Há, portanto, um interesse comum, nas duas perspectivas teóricas, pelo estudo das culturas marginalizadas e do processo de produção de referenciais identitários próprios dos grupos subalternos, como forma de contestação política e cultural.

Outro aspecto de aproximação entre a folkcomunicação e os estudos culturais localiza-se na atenção dedicada às lógicas, dinâmicas e processos que envolvem a produção e a recepção de mensagens. Luiz Beltrão apoia-se na contestação das pesquisas de Lazarsfeld, Merton, Katz, que procuravam mostrar que os meios de comunicação exerciam influência direta na aceitação de ideias. As investigações de Beltrão consideravam que o efeito dos meios não era tão eficaz como se imaginava, de tal modo que a influência, embora existente, não era determinante. É a partir desta constatação que Beltrão discute o “fluxo de comunicação em dois níveis”, considerando o papel do líder de opinião, personagem capaz de exercer algum tipo de influência no meio social.⁹ Assim, entre os meios de comunicação e o público, os líderes assumem papel de mediadores.

O líder de opinião tem essa capacidade: é um tradutor, que não somente sabe encontrar palavras como argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que, segundo Levy Bruhl, Bastide, Malinowsky e outros sociólogos, antropólogos e psicologistas, caracterizam o pensamento e ditam a conduta desses grupos sociais. (2004, p. 39).

É interessante notar que Beltrão, embora se baseie neste modelo de fluxo de dois níveis para explicar os fenômenos comunicacionais, reconhece que não se trata apenas de uma difusão em dois estágios, mas “em múltiplos estágios, compreendendo meios, líderes com seu grupo mais íntimo, líderes com outros líderes e, afinal, com a grande audiência de folk” (2001, p. 79). Ou seja, há um processo complexo de mediações e interações que impedem de considerar a emissão e a recepção de mensagens como algo linear e pré-definido.

Luiz Beltrão dedica seus estudos à compreensão folkcomunicação um processo artesanal e horizontal. Isso se deve porque, para ele, as mensagens folkcomunicaçãois, à semelhança da comunicação interpessoal, “são elaboradas, codificadas e transmitidas

em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa” (1980, p. 28).

Beltrão assim analisa o sistema da folkcomunicação:

No sistema de folkcomunicação, embora a existência e utilização, em certos casos, de modalidades e canais indiretos e industrializados [...], a manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente, tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens através de um intermediário próprio em um dos múltiplos estágios de sua difusão. (1980, p. 27)

Mas o autor também analisa a chamada “comunicação coletiva”, buscando compreender como os indivíduos e grupos sociais recebem, interpretam e re-significam as mensagens, a partir de referenciais culturais próprios. Desse modo, no campo da recepção, Beltrão analisa os processos comunicacionais não-hegemônicos, levantando alguns elementos para observar o comportamento coletivo e as reações dos receptores. Estes fatores de influência são assim descritos por Beltrão:

- a personalidade dos grupos organizados aos quais se dirige e de que presume conhecer a maneira de ser e agir como unidade de liderança da comunidade;
- a situação sócio-econômica e cultural da comunidade como um todo, tendo em conta fatores étnicos, condições ecológicas, índice de desenvolvimento, nível educacional, princípios filosóficos motrizes;
- as diretrizes políticas e a influência das elites dirigentes sobre o todo, considerando o papel relevante das lideranças políticas e os reflexos do seu pensamento e da sua atividade na consciência e na ação coletiva;
- o quadro psicológico da atualidade universal, pois a nossa comunidade não vive isolada, mas é parte do mundo físico e da humanidade inteira, nela repercutindo e alterando as reações tudo quanto afeta o globo terrestre (a natureza) e a sociedade internacional (a espécie humana). (2001, p. 56)

Percebe-se, portanto, o interesse de Beltrão em compreender e investigar como se processam, horizontalmente, as praticas informais de comunicação dos grupos sociais, bem como as ‘apropriações’ que os indivíduos realizam da comunicação de massa, em um intercâmbio de mensagens que transita entre a cultura de massa e a cultura popular.

Em certa medida, os estudos culturais também dialogam com esta perspectiva, uma vez que promoveram a ruptura com uma abordagem que via a influência da mídia

em termos de estímulo-resposta, adotando uma tendência a ver a mídia como uma força social e política ampla, que exerce diversos tipos de influência.

Uma das principais contribuições do campo dos estudos culturais, desenvolvida por Stuart Hall e outros teóricos, diz respeito aos estudos de recepção, que analisam as ‘negociações’ por parte da audiência no processo de recepção. Entende-se que o significado construído pelos receptores depende do contexto cultural, e que a recepção é um processo ativo em torno da significação.

É com base nestas premissas que Hall propõe outras formas de compreender como se processa a recepção das mensagens pelos indivíduos. Ao criticar o modelo linear formado por emissor/mensagem/receptor, em uma leitura positivista que se concentra na troca de mensagens, o autor propõe pensar o processo como “uma complexa estrutura de dominância” (2003, p. 387), marcada por práticas dinâmicas que se relacionam.

No ensaio “Codificação/Decodificação” (2003), Hall analisa estes processos, considerados relativamente autônomos, reconhecendo que operam com lógicas próprias. O autor discute três posições de decodificação que ilustram a existência de várias possibilidades de articular e combinar a produção e a recepção de mensagens. A primeira delas é a *posição hegemônica-dominante*, que acontece quando há identificação da mensagem a partir dos termos estabelecidos pelo código referencial. A segunda posição, denominada de *código negociado*, evidencia a existência de lógicas específicas entre a produção e a recepção, que podem ser atravessadas por contradições, misturando elementos de adaptação e de oposição. Por fim, o autor chama de *código de oposição* a interpretação contrária dos discursos, baseada em um referencial alternativo. Trata-se da produção de significados através da contestação da mensagem, em que se verifica a assimetria entre o conteúdo proposto na mensagem e a sua apropriação.

Ao reconhecer os diferentes arranjos de significados, Stuart Hall traz alguns elementos importantes para orientar a leitura dos processos midiáticos, seja em uma perspectiva de análise dos modos de produção ou das relações que se estabelecem em meio às operações de codificação e decodificação de produtos culturais.

Diante do exposto, cabe observar um possível diálogo entre a folkcomunicação e os estudos culturais, considerando aspectos como o papel dos mediadores e as possibilidades de resistência dos receptores no processo de comunicação. Processo este, necessariamente, dinâmico, indeterminado e marcado pela capacidade dos grupos sociais produzirem significados a partir de suas experiências cotidianas.

Considerações finais

Os elementos apresentados ao longo do artigo, ainda que meramente introdutórios a uma reflexão dialógica entre folkcomunicação e estudos culturais, buscaram elucidar alguns pressupostos das referidas teorias, estabelecendo relações possíveis nos estudos de Luiz Beltrão e Stuart Hall.

Beltrão conta com um vasto campo de pesquisa empírica, desenvolvida a partir de andanças de norte a sul do Brasil, que permitiu fundamentar sua teoria da folkcomunicação com base na cultura popular como lugar onde se expressam informações e opiniões dos grupos marginalizados. Com um olhar etnográfico que possibilitou abordagens criativas e senso de análise singular, o pesquisador pernambucano ofereceu aos estudos de comunicação e cultura um registro valioso que, passadas quatro décadas, permanece pertinente e atual.

Hall, em sua experiência da colônia à metrópole, oferece contribuições para pensar sobre as dinâmicas da sociedade contemporânea, em que as lutas e disputas sociais passam pelas representações identitárias e pelas estratégias de resistência cultural.

Guardadas as diferenças – no que diz respeito aos ângulos de investigação, aos contextos analisados e aos métodos para observação dos fenômenos sociais e comunicacionais -, os dois autores apresentam importante contribuição para a análise da cultura e dos processos de comunicação, considerando os meios através dos quais os grupos sociais expressam sua cultura e identidade.

Algumas das contribuições mencionadas, resultantes do diálogo das duas perspectivas teóricas no que diz respeito à noção de cultura, aos grupos marginalizados/subalternos e ao processo de recepção de mensagens, trazem desdobramentos para a pesquisa em folkcomunicação. Entre eles, destaca-se a observação sobre o modo como os indivíduos interagem com os referenciais culturais disseminados pela mídia a partir de referenciais próprios; o reconhecimento de que os indivíduos são capazes de reinventar significados em meio aos conflitos e relações entre a cultura de massa e a cultura popular; a compreensão dos processos comunicacionais como espaços de interação cultural e social; e a existência de espaços de resistência e luta que se manifestam nas brechas da mídia hegemônica e na produção de outras formas de comunicação, em que os receptores se configuram como sujeitos.

Por fim, com base nas discussões de Stuart Hall, cabe observar que as expressões folkcomunicacionais podem ser entendidas como espaços de fortalecimento e constituição de identidades dos grupos sociais, em relação ou contraposição à cultura hegemônica. Afinal, pode-se dizer, com base no diálogo proposto, que mesmo diante de uma cultura hegemônica, projetada por forças políticas, econômicas e culturais propagadas pela mídia, existem diferentes formas de apropriação da cultura e de construção de outros referenciais simbólicos, por meio da cultura popular.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BELTRÃO, Luiz.. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

- BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e folclore*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BELTRÃO, Luiz. . *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Estudos culturais: uma introdução”. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.133-166.
- GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (org.). *Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HALL, Stuart.. “Codificação/decodificação”. In: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart.. “Estudos culturais: dois paradigmas”. In: *Da diáspora – Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 131-159.
- HALL, Stuart.. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JOHNSON, Richard. “O que é, afinal, estudos culturais?” SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, estudos culturais?*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 07-131.
- MARQUES DE MELO, José. Uma estratégia das classes subalternas. In: *Folkcomunicação: a mídia dos excluídos*. Cadernos de Comunicação, Série Estudos, v. 17. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2007.
- MARQUES DE MELO, José. *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.
- MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da *Teoria cultural e educação – Um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Notas

¹ Karina Janz Woitowicz – Jornalista, mestre em Ciências da Comunicação, doutora em Ciências Humanas, professora do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Paraná/Brasil, vice-presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom, 2013-2015), coordenadora do Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação da Intercom (2013-2015). E-mail: karinajw@gmail.com

² Informações extraídas do Portal Luiz Beltrão:

<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.htm>. Acesso em 26/02/2010.

³ Entre suas obras, destacam-se: *The Hard Road to Renewal* (1988), *Resistance Through Rituals* (1989), *The Formation of Modernity* (1992), *Question of Cultural Identity* (1996) e *Cultural Representations and Signifying Practices* (1997). No Brasil, foram publicadas as seguintes obras de Hall: *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (1998), além de artigos em livros e revistas especializadas.

⁴ Os estudos que se destacam, dando legitimidade e reconhecimento à vertente teórica dos estudos culturais, são os estudos de recepção, inicialmente desenvolvidos por David Morley, a teoria dos usos e apropriações de Michel de Certeau (que trata de como os usuários desenvolvem táticas e estratégias para fazer das “estruturas tecnocráticas” algo diferente) e os estudos de identidade realizados por Stuart Hall.

⁵ Hall observa como o conceito de identidade mudou, transitando do conceito ligado ao sujeito do Iluminismo para o conceito sociológico e, depois, para o do sujeito “pós-moderno”.

⁶ Segundo Silva (2000, p. 92), o conceito de política de identidade compreende um “conjunto das atividades políticas centradas em torno da reivindicação de reconhecimento da identidade de grupos considerados subordinados relativamente às identidades hegemônicas”.

⁷ A abordagem realizada por Beltrão sobre o folclore permite contemplar a possibilidade de resignificar a cultura e de criar meios próprios de expressão dos grupos marginalizados, partindo da ideia de que os movimentos populares e grupos sociais são capazes de reproduzir ou contestar estereótipos e hierarquias da cultura dominante.

⁸ No contexto da América Latina, as pesquisas sobre as culturas populares se desenvolveram principalmente a partir dos anos 1980, com as contribuições do hispano-colombiano Jesus Martín-Barbero, do argentino (radicado no México) Néstor García Canclini, do mexicano Jorge González e do brasileiro Renato Ortiz, que passaram a constituir, por suas proximidades teóricas, uma corrente latino-americana de estudos em comunicação e cultura.

⁹ Beltrão (2004) observa, a partir de dados do Departamento de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Columbia, que foram verificados os seguintes aspectos sobre o “fluxo da comunicação em dois estágios”:

“1. que a influência de outras pessoas em decisões específicas tende a ser mais freqüente - e certamente mais efetiva - que a dos meios de comunicação coletiva;

2. que influenciadores e influenciados mantêm relações estreitas e, conseqüentemente, tendem a compartilhar das mesmas características de situações sociais;

3. que indivíduos intimamente relacionados tendem a ter opiniões e atitudes comuns e relutam em abandonar o consenso do grupo, mesmo que os argumentos dos meios de comunicação coletiva lhes pareçam atraentes;

4. que, embora a influência passe dos mais para os menos interessados, estes últimos devem ter suficiente interesses para serem suscetíveis à mudança.” (2004, p. 37)